

## POESIA DA LIBERTAÇÃO

*José Costa Matos*

Quando Park estabeleceu o conceito de marginalidade, não quis dizer que marginal seja, necessariamente, um violador da lei. A sinonímia que hoje abrange os termos marginal e delinqüente desfigura a intenção do antropólogo norte-americano. Por aquela forma, ele definiu apenas o indivíduo que sai de uma cultura para outra e passa a viver à margem de ambas, prensado por uma dicotomia de valores que, se o angustia, não traz o fatalismo de o conduzir à criminalidade.

Num século em que as mudanças acontecem com uma velocidade de progressão geométrica, o fenômeno da marginalidade (no sentido mais benigno da conceituação de Park) pode aparecer dentro de uma mesma cultura. Então, a análise sociológica constata posições mentais diametralmente conflitantes, como estas, dos nossos dias: aversão fanática aos preconceitos, instrumentos frenadores da mudança, e medo subconsciente de romper com eles. Paradoxalmente, o preconceito inibe as mudanças sociais, mesmo quando atua em nome do modernismo, porque, sendo uma renúncia às críticas avaliadoras do que convém ao progresso humano, pode supervalorizar o lixo natural das feiras de idéias reformistas. E esse lixo não tem consistência como fundamento de uma civilização.

Ora, a literatura brasileira está vivendo este momento de marginalidade. (Lembrem-se de Park, por favor). Em nome da modernidade, a crítica assume pretensões científicas, desconhece o ceticismo da psicanálise e da psiquiatria diante dos próprios resultados e amedronta os poetas com os seus juízos tecnocráticos. E a imaginação se sacrifica à idolatria de Barthes, Helmslev, Lacan... Em contraposição a esse preconceito, vamos todos, quase clandestinamente, comprando e relendo livros dos autores que não obedecem aos ditames da tecnocracia literária, ou porque estão mortos ou já editados. Isso está nas estatísticas dos livreiros, as mais eloqüentes de todas.

Estas idéias surgem com a releitura de "Opus 78" livro de poemas sem técnica formal que defina uma adesão, indício de que Cid Carvalho não é autor para se acomodar muito facilmente no decantadíssimo divã freudiano. A confiança maior do poeta está centrada, talvez, no conteúdo. A forma não deve ser estorvo no itinerário da sua mensagem até a sensibilidade dos leitores.

Aí, nada de preconceito, antigo ou moderno. Até os sonetos têm gritos de liberdade, que, e disto ninguém discorda, é a essência da criação artística.

Para Cid Carvalho, dor é dor mesmo, amor existe e se confessa amor, sem medo de ser a palavra proibida destes tempos envergonhados da própria sensibilidade. Não se entenda, por aí, que o autor fique prisioneiro da poesia de temática estritamente pessoal. Há registros de incursões pelo mistério cósmico da humanidade:

“e os homens, se morrem,  
suas vozes não se calam.”

E há expansões de fraternidade como esta, onde liricamente se reflete o drama de um povo:

“mas nos meus lábios, Senhor, não quero queixa  
e nas minhas mãos quero possibilidades:  
quando vou cavar o chão do meu país,  
converso antes com as sementes  
e com a terra converso  
e combino o pão dos lares.”

Homem de rádio e de televisão, dia a dia empenhado na comunicação de massa, Cid Carvalho escreve poemas como se quisesse ajudar todos os níveis de decodificação a entender a sua poesia. Deve ter aprendido a amar os simples e, para lhes facilitar acesso, não se protege com as escarpas do vezo poético do tempo.

Jorge Luís Borges, que antes de ser argentino é cidadão do paradoxo, insinuou, certa vez, a possibilidade da poesia sem metáfora. E legiões de fanáticos morreram e morrem nos combates pela valorização da palavra artificialmente isolada, na ilusão de carga poética sem ajuda de um contexto. Na busca novidadeira, desmonta-se a língua, nos “exercícios cerebrais e tipográficos” em que “o artifício toma com excessiva frequência o lugar da arte.” (As passagens aspeadas são de Wilson Martins). Essa forma poética aborta, sempre, na tentativa de um parnasianismo sem sintaxe. Nada sobra, além do holocausto de alguns poetas que a humildade talvez fizesse durar. E como deve ter rido dessas quixotadas o cego genial que vai deixando para o mundo um legado de espantos: “El Aleph”, “Ficciones”, “História Universal da Infâmia”...

Mas, já agora, o pleno exercício da metaforização encontra obstáculos. O pequeno domínio da palavra no nosso leitor médio está pedindo misericórdia.

dia. A transigência com esse dado cultural refreia a conotação em Cid Carvalho, que somente força a metaforização quando aborda temas de inequívoca experiência mística, tais como em “Canto do Silêncio” e “Cena”. Mas aquela simplicidade se realiza sem quebra das estruturas sintáticas da língua, no reconhecimento inteligente de que, como renovação literária, o desossamento do poema representa mais ou menos nada...